



Bem-vindos ao Ceciliaverso



Prólogo



Willowmere Cottage, litoral de Dorset, sudoeste da Inglaterra, janeiro de 1843.

O sangue sempre contou histórias que ninguém teve coragem de ouvir.

Os olhos dela estavam serenos — serenos demais para aquela hora da noite.

O vestido creme com bordados amarelos caía sem pressa, bem costurado, elegante, como se tivesse sido feito para outra vida. Por cima, o avental branco, alvo e preciso, amarrado com a exatidão de quem havia aprendido a conter o caos.

A vela tremulava na mesa. A luz tocava-lhe o rosto com uma ternura indevida.

Então, os lábios — vermelhos.

Vermelhos como o sangue em suas mãos.

O líquido escorria devagar, formando uma poça generosa no colchão. O ar cheirava a ferro, a medo, a promessas antigas.

Lady Angeline não se moveu por um instante. Apenas respirou — fundo, deliberadamente — como quem precisa lembrar ao próprio corpo de que ainda está viva. Que ainda há uma árdua tarefa pela frente.

— Ela vai morrer, senhora? — murmurou uma voz atrás dela. Jovem, trêmula.


O olhar de Angeline não vacilou.


— Não esta noite — respondeu, enxugando as mãos num pano branco que logo deixou de ser branco. — Não enquanto eu puder mantê-la viva.

O olhar dela percorreu o pequeno cômodo, como se buscasse nas sombras algum vestígio de força. Mas não para si mesma.

As paredes eram de pedra bruta, o teto baixo, as janelas cobertas com panos grossos para conter o frio. Havia ervas penduradas em feixes, um balde de água tingido de rubro e, sobre a mesa, instrumentos simples — tesoura, panos, uma tigela de cerâmica. O cheiro era de suor e fumaça, e o silêncio só era quebrado pelos soluços curtos e gemidos da mulher jovem deitada na cama estreita.

Angeline apertou o lenço nas mãos e se aproximou. A vela tremulou mais uma vez, como se até o ar tivesse medo do que estava por vir.





E o vento... ah! o vento açoitava as janelas de madeira, tentando entrar, tornando cada minuto ainda mais suspenso.

— Respire, meu bem — disse ela, a voz firme apesar da exaustão. — Agora faça força... Ele... está vindo.

E, quando o grito do recém-nascido rompeu o silêncio, o vermelho, enfim, contou sua verdade: ali, onde tudo parecia morte, onde tudo parecia perda... havia vida.

A lady pegou a tesoura grande que repousava na mesa. As lâminas reluziram sob a luz trêmula da vela. Um corte preciso. Um som seco. O cordão, rompido.

Ela envolveu a recém-nascida num pano limpo e a entregou nos braços da mãe. A mulher soluçou — não de dor, mas de surpresa — ao sentir o peso quente e pequeno sobre o peito.

Angeline respirou fundo, deixando o ar escapar em um suspiro longo — o tipo de suspiro que devolve a alma ao corpo. A criança chorava com força, os pulmões pequenos provando ao mundo que haviam vencido.

Um sorriso quase imperceptível tocou seus lábios. O suor colava alguns fios de cabelo escuro à testa e, pela primeira vez em horas, ela se permitiu olhar pela janela para verificar se a tempestade a prenderia ali ou não.

Pelo canto do olho, ela via a mãe, de olhos marejados, acolhendo o bebê contra o peito, soluçando baixinho e sorrindo para ele.

Angeline observou aquele primeiro encontro — o toque hesitante, o aconchego, o choro que virava riso — e sentiu um nó se formar em sua garganta.

O som do bebê preenchia o quarto com uma vida nova, vibrante. E, por um instante, ela pensou ouvir outro choro — distante, perdido no tempo — o de uma menina que também lhe pertencera.

O cheiro do sangue e das ervas desapareceu. Em seu lugar, o perfume doce de lavanda e o som das botas de Lorde Edmund sobre o piso de madeira.



Alguns anos antes...

O luar parecia se empenhar em ultrapassar a barreira das cortinas pesadas, lançando um brilho frio e fraco sobre o quarto. O cheiro metálico do sangue misturava-se ao de lavanda velha, e o som de um choro fraco cortava o silêncio como uma prece aflita.

Angeline estava pálida, o rosto encharcado de suor. O lençol sob ela era um campo de batalha — manchado, torcido, testemunha de horas de dor que lhe roubaram toda dignidade.

A criada, uma mulher idosa de mãos firmes, amparava-lhe a cabeça enquanto a nova vida finalmente se anunciava.

— Respire, Milady... mais uma vez, só mais uma... — dizia ela, com voz compassiva.

Angeline soltou um gemido abafado, o corpo arqueando sob o esforço final. E então — o som. O som que partiu o mundo em dois. Um choro fino, insistente, que parecia arrancar da terra a promessa de redenção.

Por um instante, tudo se dissolveu — a vergonha, o medo, o silêncio imposto. Ela pegou o bebê com mãos trêmulas, o coração disparado, os olhos marejados de incredulidade.

— Maddeline... — sussurrou, como se nomear fosse o mesmo que salvar.

A menina buscou o seio instintivamente. Angeline a acolheu contra o peito, o corpo exausto, mas inteiro pela primeira vez em meses. As lágrimas lhe corriam pelo rosto em silêncio — não as lágrimas de dor, mas de um amor que nascia junto com a criança.

E foi nesse exato momento que a porta se abriu.

Lorde Edmund entrou sem bater. O robe escuro, o rosto impassível, e a criada recuando com a cabeça baixa.

Ele olhou a cena — o bebê ao colo, o cabelo desgrenhado de Angeline, o lençol manchado — e um vinco de desgosto lhe crispou os lábios.

— Então, nasceu.





Angeline ergueu o olhar, os olhos marejados.

— Por favor... não a leve... — A voz era quase um sussurro rouco. — Ela é tudo o que tenho.

Edmund se aproximou com passos controlados.

— Ninguém lhe fará mal, minha cara. — As palavras eram frias, medidas. — Mas a menina não pode permanecer aqui.

— Por favor, eu imploro... — Ela apertou o bebê contra o peito, desesperada. — Eu cuido dela, faço tudo o que for preciso...

— O que é preciso — interrompeu ele — é que essa criança seja criada longe de murmúrios e escândalos. Já providenciei tudo. Uma carruagem partirá pela manhã para Eversley School, em Hampshire. É um colégio seguro, discreto, apropriado.

Ela chorou, balançando a cabeça, como se pudesse negar o inevitável.

— E eu? Quando poderei vê-la?

— Quando for uma mulher respeitável. — O olhar dele se endureceu. — Quando se casar com um homem de título e posses suficientes para sustentar o nome que carrega. Até lá, considere isto... uma oportunidade.

Angeline apertou o bebê, o pranto agora em soluços secos.

— Ela é minha filha...

— É uma criança ilegítima! Uma bastarda! E isso só a condenaria — respondeu Edmund, já estendendo os braços. — Estou oferecendo a chance de um futuro. Para ambas.

O silêncio que se seguiu foi mortal. A criada chorava baixinho no canto. Angeline, sem forças, beijou o rostinho da menina — o último beijo — e entregou-a.

Maddeline foi levada nos braços dele, envolta em mantas brancas.


A porta se fechou com um som surdo.

E Angeline ficou ali, deitada, o peito vazio, o corpo tremendo.

Arrastou-se até a porta, encostou a testa na madeira fria e, num fio de voz, murmurou:

— Eu vou buscá-la... custe o que custar... — As lágrimas molharam o chão. — Eu juro, Maddie... eu vou me casar com um homem digno e vou trazê-la de volta.





A porta rangeu, trazendo-a de volta à realidade. O pai da moça surgiu, o chapéu apertado nas mãos calejadas. Os olhos úmidos buscaram a filha, depois repousaram em Angeline.

Por um instante, ele pareceu não encontrar palavras. Então, simplesmente ajoelhou-se diante dela.

— Milady... — A voz era rouca, quase um sussurro. — Não sei como agradecer. Antes que ela pudesse recuar, ele tomou-lhe as mãos ainda manchadas de sangue e as beijou com reverência tosca, mas verdadeira.

A lady corou, constrangida e comovida ao mesmo tempo. Tentou puxar as mãos, mas ele as manteve presas por um segundo mais.

— A senhora salvou a vida da minha filha... e trouxe minha neta ao mundo. — A voz dele ameaçou sumir de emoção. — Eu não tenho como pagar... mas, por favor, aceite umas sacas de trigo ou um pouco do mel da colmeia. É pouco, eu sei...

— Eu não aceito pagamento, senhor — respondeu Angeline, gentil, mas firme.

Ele sorriu, a expressão cansada iluminada por gratidão pura.

— Então leve como um presente — disse, insistindo, com os olhos marejados. — É tudo o que posso oferecer a quem Deus mandou pra nos salvar. Pra salvar minha filha.

Angeline hesitou, o coração apertado. Depois assentiu, tocando de leve o braço dele.


— Está bem. Um presente, então — murmurou, a voz serena. — E que a vida da pequena seja longa... e cheia de dias melhores que os nossos. E que ela nunca seja separada de sua mãe.

Ele assentiu, as lágrimas correndo livres.

E Angeline, por um instante, teve a sensação rara e simples de ter feito o bem... e ser perdoada por um mundo que, em outros tempos, só lhe mostrara crueldade.

A verdade é que aquela sensação se tornara seu único refúgio.

Havia meses — quase um ano, ela já não sabia ao certo — que sua vida se resumia a isso: casas humildes, camas estreitas, mulheres em desespero, o choro dos recém-nascidos ou o silêncio que o substituíam.





Era chamada de vila em vila, às vezes por carta, às vezes por um mensageiro a cavalo, outras apenas por um rumor — “a lady das parturientes”, diziam. E ela ia. Sempre ia. Não importava quantas horas precisasse se sacudir dentro de uma carruagem. Não importava que Mary, sua mais leal criada, dissesse que ela deveria descansar.

Carregava consigo um alforje de couro negro, a tesoura grande, as faixas de linho, o frasco de álcool, e uma coragem que não sabia mais de onde vinha. Heranças de sua amiga Martha Hale.

Limpando e guardando seus instrumentos, ela se lembrou de velha mulher que lhe ensinara tudo desde que se isolara em Willowmere Cottage. A mulher que havia enxergado em Angeline algo que nem ela mesma, por mais que passasse horas em frente ao espelho, conseguiria ver.

“Você tem mãos de quem nunca precisou lutar”, dissera-lhe Martha, certa vez. Mas tem olhos de quem perdeu tudo. Isso é útil. As mães precisam de quem saiba o que é perder.”

Os rostos das mulheres misturavam-se em sua memória como páginas de um mesmo livro: as que gritavam, as que rezavam, e umas poucas que morriam. Que morriam como Martha havia morrido, dois meses atrás.


Mas havia, em todas elas, algo que Angeline reconhecia com dolorosa ternura — a mesma solidão que um dia lhe tirara tudo.

E talvez por isso ela não conseguisse parar: porque em cada criança que respirava havia um eco do perdão que nunca recebera. Cada grito, cada lágrima, cada vida arrancada da morte era uma forma de negociar com o destino — e, quem sabe, arrancar dele um vestígio de misericórdia.

Porque cada mulher que sobrevivia a fazia acreditar, por um breve instante, que a dor podia se transformar em algo sagrado. E que, se existia redenção neste mundo, ela nascia assim: entre sangue, choro e respiração.

Então um leve ruído de saias arrastadas no chão de madeira rompeu o silêncio.





Angeline ergueu o rosto e viu, à soleira, uma senhora de porte digno, o xale escuro cuidadosamente cruzado sobre o peito.

Havia serenidade em seus olhos, mas também uma curiosidade antiga, como se já a conhecesse.

— A senhora... é a parteira — disse a mulher, com voz grave e pausada. — Eu a vi no inverno passado. Em Harrowfield. Ajudou minha nora a trazer ao mundo o pequeno Thomas.

Angeline demorou um instante para responder. Reconheceu o timbre da memória — o frio cortante, o parto difícil, o desespero contido.

Inclinou levemente a cabeça.

— Sim... lembro-me. Ela foi muito corajosa.

A senhora deu alguns passos para dentro, os olhos pousando com respeito nas mãos de Angeline, ainda trêmulas do esforço.

— A coragem parece seguir a senhora — murmurou. — Vi muitas mulheres rezarem por ajuda, mas poucas a encontraram na forma de uma lady.

Angeline sorriu, um sorriso cansado seguido de um suspiro.

— Eu faço o que posso... nada além disso.

— Não, minha filha. — A voz da idosa tornou-se mais terna, quase maternal. — A senhora faz o que é preciso, o que mais ninguém faz. E o faz com compaixão.

Ela se aproximou, pousando a mão leve sobre o ombro de Angeline.

— Já a vi ajudar mulheres a darem à luz. Tem um propósito nobre. Mas... — a pausa foi longa, o olhar profundo — ...não me parece feliz vivendo esse propósito.

O coração de Angeline se contraiu. Sentiu o ar rarefeito dentro do pequeno quarto, o peso das horas mal dormidas, das despedidas que nunca ousava fazer.

— A felicidade, minha senhora, é um luxo que já não sei nomear. Mas garanto que estou... em paz.

A senhora sorriu — um sorriso que via através da mentira.

— Paz não é o mesmo que alegria, minha querida. A verdadeira felicidade só alcança o coração quando estamos perto de quem realmente amamos.

Angeline desviou o olhar, como quem teme ser descoberta.





No silêncio que se seguiu, uma lembrança surgiu com força: Maddie.

O som da risada dela, o jeito impaciente de falar, o calor de sua presença — tudo veio de súbito, como uma onda que devolve o que o tempo tentou apagar, e o peito de Angeline se apertou.

Ela compreendeu, sem precisar de palavras, que o ciclo que a sustentara — essa peregrinação entre partos, despedidas e promessas — chegara ao fim. Que não havia mais perdão a buscar nas dores alheias.

— Preciso voltar — murmurou, quase sem voz. — Para Londres...

A senhora apenas assentiu, como quem já sabia.

E no breve silêncio que se fez, Angeline sentiu algo raro e precioso: uma clareza que doía — mas libertava.





Personagens



*Edward
Seymour*

*Angeline
Leclercq*





Maddeline



Mary



Aaron Arnette

Oficial da
Scotland Yard





Isabela
Bellami

Visconde
Trevelyan



E talvez você esteja chateada por não encontrar

Satine Featherstone

no dreamcast de “Dama que Sempre Amei”, mas não fique.

Logo após a história de Edward e Angeline, vamos conhecer a linda história de Satine - e, aqui entre nós... o hot que escrevi para ela e o seu par foi o mais lindo e sensual que eu já escrevi em todo esse tempo...

Não vou dar spoilers, só quero tranquilizar você, leitora que me pediu que Satine fosse o par do conde, dizendo que o par dela foi pensado com carinho, com cuidado, para fechar essa série com chave de ouro.

E para que você não pense que eu não vou dar menos que um lorde perfeitamente imperfeito para a Srta. Featherstone, deixo aqui um pequeno mimo para você, que torceu tanto por ela:



Cena Extra



A Doçura do
MEU *Destino*

AMORES DE RICHMOND



Farnham, primavera de 1847.

A primavera fazia questão de ser notada em Halebridge Court.

Benjamin caminhava ao lado de Charlotte com a sensação incômoda de que a paisagem estava zombando dele. As macieiras não tinham frutos — ainda —, mas estavam carregadas de flores, densas demais, espalhando pétalas ao menor vento.

Promessas por toda parte. Nenhuma urgência. Aquilo o irritava um pouco. As lavandas, plantadas meses antes sob a orientação meticulosa de Lady Lennox — que depois retornara para sua vida distante e organizada —, agora floresciam com convicção própria. Não precisavam mais de supervisão. Estavam ali, vivas, insistentes, perfumando o ar como se lembrassem a todos que o tempo passava mesmo quando ninguém tinha tempo para percebê-lo.

Charlotte caminhava com a cesta apoiada no braço, o passo menos tenso do que vinha tendo havia semanas. Ainda assim, havia cansaço nos ombros, no jeito de respirar, na maneira como o silêncio se instalava entre uma frase e outra. — Fomos expulsos — disse ela, sem drama, como quem constata um fato doméstico incontestável.

Benjamin soltou um suspiro curto, quase rindo.

— Escorraçados — corrigiu. — Com logística impecável.

— Emma nem fingiu delicadeza — continuou Charlotte. — Uma manta, uma torta... e a porta.

— E aquele olhar — completou ele. — O que dizia “voltem quando lembrarem quem são”.

Charlotte balançou a cabeça, divertida.

— Ela ficou com Conrad no colo e ainda teve a audácia de nos desejar um bom passeio.

— Um bebê no braço e autoridade absoluta na voz — disse Benjamin. —

Impressionante.

— Eu tentei argumentar.





— Você não disse nada! — retrucou ele.

Ela sorriu de canto.

— Ela parecia firme demais para discutir com alguém que dorme em turnos aleatórios.

Benjamin riu, baixo.

— Confesso que esse passeio forçado me parece... providencial.

Charlotte virou o rosto para ele.

— Você percebe que, nas últimas semanas, a gente só fala em horários, choro e quantas horas alguém conseguiu dormir?

— Sim — respondeu ele. — E mesmo assim, falamos disso com entusiasmo suspeito.

— Isso é o que mais me assusta.

— A mim também — disse Benjamin, estendendo a mão para tocar a dela. — Mas ainda conseguimos zombar um do outro. Acho que é um bom sinal.

Charlotte apertou os dedos dele de leve.

— Sobrevivemos ao pior turno da madrugada. Vamos sobreviver a um passeio.

Benjamin sorriu. Um sorriso cansado, verdadeiro.

— Com torta — acrescentou.

Ela riu. Um riso fácil, quase esquecido.


E aquilo, ainda assim, acertou Benjamin em cheio.

Eles caminharam mais um pouco, até que a casa deixou de ser uma possibilidade concreta e passou a ser apenas uma lembrança conveniente. O terreno ali caía suavemente, protegido por árvores antigas, o tipo de lugar onde o mundo parecia ter sido esquecido por escolha.

Benjamin sentia o corpo reaprender a existir fora do ritmo doméstico: sem ouvir choros imaginários, sem calcular horários, sem o peso constante da responsabilidade colada à pele. Amava o filho com uma intensidade absurda — mas estava cansado.

Profundamente cansado.





E Charlotte também estava. Ele via isso no jeito como ela respirava fundo, como se o ar tivesse voltado a caber nos pulmões. No modo como o ombro relaxava, como o corpo parecia menos vigilante.

— Você está bonita hoje — disse ele, antes que pudesse filtrar.

Charlotte virou-se devagar.

— Hoje?

— Especialmente hoje — corrigiu, com honestidade suficiente para não soar como defesa.

Ela arqueou a sobrancelha.

— Isso é tentativa de sedução ou observação clínica?

— Pedido de socorro — respondeu. — Estou com saudade de você. De nós.

Ela não riu dessa vez.

Parou de andar, pousou a cesta no chão e estendeu a manta com calma excessiva, como quem adia algo inevitável. Benjamin observou cada gesto, reconhecendo o padrão. Aquilo não era improvisado. Era decisão.

— Estamos longe o bastante — disse Charlotte, sem encará-lo.

— De casa? — perguntou ele.

— De sermos interrompidos.

Benjamin se sentou primeiro, apoiando-se nos cotovelos, o corpo já respondendo antes da mente. Charlotte se acomodou diante dele, cruzando as pernas, o vestido se abrindo um pouco além do necessário. Ele sentiu um calor subir lento, familiar, inevitável.

— Eu amo nosso filho — disse ela, de repente.

— Eu sei.

— Mas sinto falta de quem eu era com você.

Ali estava. Clara. Sem adorno.

Benjamin estendeu a mão e puxou-a para mais perto, até que os joelhos se tocassem.





— Eu também — disse, baixo. — E sinto falta do que você faz comigo quando não estamos exaustos demais...

Então a beijou. O beijo veio firme, sem pressa, carregado de reconhecimento. Charlotte levou a mão à nuca dele, os dedos firmes, e Benjamin rosnou contra a boca dela, sem vergonha alguma. O mundo podia esperar. Sempre podia.

A cesta ficou de lado, esquecida. A torta, por ora, não era prioridade.

— Faz quanto tempo que a gente não fica assim? — ela perguntou, olhando para ele, o tom leve demais para ser casual.

— Assim como?

Ela não respondeu. Apenas se inclinou e o beijou outra vez.

Não foi um beijo cuidadoso, como o primeiro. Foi quente, insistente, como se Charlotte estivesse tentando recuperar algo à força — ou lembrá-lo de que ainda sabia exatamente como fazê-lo perder o raciocínio. A boca dela se movia com uma intensidade que o fez rir contra os lábios dela antes que pudesse se conter.

— Eu não sei se agradeço... — murmurou, entre um beijo e outro — ...ou se começo a ficar preocupado.

Charlotte sorriu contra a boca dele, sem diminuir o ritmo.

— Você devia estar agradecido.


— Estou — respondeu ele. — Mas você está tentando me devorar.

— Faz tempo que a gente não se ama sem pressa — disse ela, finalmente afastando-se o bastante para olhá-lo. Havia verdade ali. E desejo. Uma combinação que sempre o desmontara. — Sem relógio. Sem alguém chamando. Sem fraldas para trocar. Benjamin passou a mão pelo rosto dela, o polegar acompanhando o contorno do maxilar.

— Nós podemos ser vistos — lembrou, embora o corpo dele estivesse claramente menos preocupado do que a razão.

Charlotte riu, um riso curto, confiante.





— Esse é o lado bom de ter poucos e bons criados. — Inclinou-se um pouco mais perto. — Emma me garantiu que, se caminhássemos a sudeste, não seríamos vistos em hipótese alguma.

— Emma garantiu — repetiu ele, arqueando a sobrancelha.

— Com convicção. — Charlotte sorriu. — A menos que um esquilo resolva nos espiar. Benjamin riu de verdade dessa vez, o som escapando sem defesa. Puxou-a para mais perto, sentindo o corpo dela se ajustar ao dele com uma naturalidade que ainda o surpreendia, mesmo depois de tudo.

— Sempre confiável, sua criada.

— Extremamente — respondeu Charlotte, antes de beijá-lo outra vez, mais devagar agora, como se tivesse todo o tempo do mundo.

Benjamin fechou os olhos, administrando o pouco autocontrole que ainda lhe restava. O cheiro das lavandas, o calor do corpo dela, o riso recente ainda vibrando no peito. Não havia pressa. Não havia culpa. Só eles dois, finalmente lembrando que ainda sabiam exatamente como se encontrar.

E, apaixonado como sempre fora — talvez mais —, ele pensou que não trocaria aquele momento por nenhuma promessa futura.

Nem mesmo pelas mais bem-intencionadas.

— Você sabe que... se continuar assim...


Então ela parou. Parou e puxou as saias do vestido, sentando-se sobre ele, encaixando-se ao marido como há muito não conseguia fazer.


As mãos dela pousaram em seus ombros como quem reivindica território conhecido.

Ele soltou o ar num riso curto, quase incrédulo.

— Você faz isso como se tivesse ensaiado...

— Eu ensaiei — respondeu ela, inclinando-se até que a boca estivesse perigosamente perto da dele. — Mentalmente. Muitas vezes.





Benjamin passou as mãos pela cintura dela, subindo com calma, sentindo o corpo que conhecia melhor do que o próprio. Charlotte não tinha pressa. O movimento dela era lento, deliberado, como se quisesse que cada segundo fosse sentido — não apenas vivido.

— Você percebe o que está fazendo comigo? — murmurou ele, a voz mais baixa, menos controlada.

Charlotte sorriu contra a boca dele.

— Percebo. — E se moveu um pouco mais, o suficiente para fazê-lo fechar os olhos. — É exatamente por isso.

Benjamin a segurou com mais firmeza, os dedos marcando presença, ancorando-se nela como quem finalmente encontra chão. O corpo reagia sem pedir permissão; a mente, rendida, já não tentava comandar nada.

Ela se inclinou, a testa encostando na dele, a respiração quente demais para ser ignorada.

— Não temos pressa — sussurrou Charlotte. — Pela primeira vez em muito tempo... E enquanto o mundo seguia distante — esquilos incluídos —, Benjamin deixou que o tempo se dissolvesse no ritmo dos dois, no encaixe conhecido, no amor que não precisava mais provar nada.

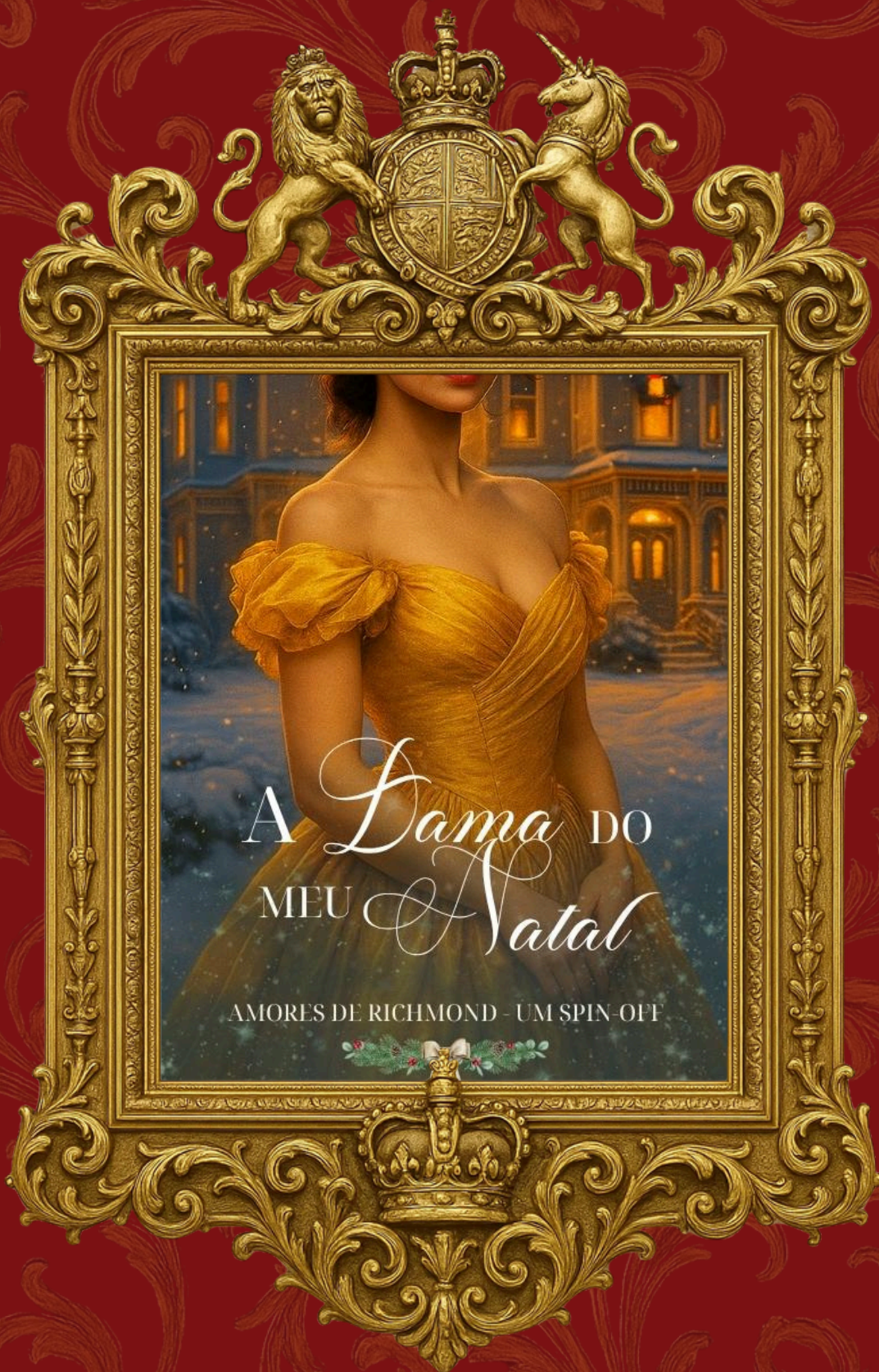
Ali, sob o céu aberto e entre promessas em flor, eles não eram pais cansados nem adultos responsáveis.

Eram apenas Charlotte e Benjamin.

E isso bastava.



Cena Extra



A Dama DO
MEU Natal

AMORES DE RICHMOND - UM SPIN-OFF



Stonemere Abbey, verão de 1850.

Rudolph estava deitado de lado sobre a manta, atento a cada movimento mínimo ao redor. Não por ansiedade — isso ele aprendera a abandonar —, mas porque Bramm dormia apoiado em seu braço, pequeno demais para ser esquecido por um segundo. O menino tinha apenas seis meses, o rosto ainda indefinido, como se estivesse em permanente decisão sobre quem viria a ser. Respirava curto, regular, e o peso leve contra o antebraço de Rudolph era suficiente para mantê-lo imóvel.

Valentina dormia a poucos passos dali, com seus quase três anos, o corpo abandonado sem cerimônia. Uma perna caída para fora da manta, os dedos sujos de bolo, o cabelo fino e escuro colado à testa. Tão pequena e ainda assim já ocupava espaço no mundo. Bernadete estava recostada, com as costas apoiadas na dobra da manta, observando as crianças com aquele olhar que ele aprendera a reconhecer como vigilância disfarçada de descanso. Havia frutas partidas, pão já meio amassado, um bolo faltando um pedaço irregular. Nada organizado. Nada que precisasse realmente estar organizado.

— Quando eu era menino — disse Rudolph, em voz baixa, sem pensar muito antes de começar —, eu tinha certeza absoluta de que sabia nadar.

Bernadete virou o rosto para ele, os olhos imediatamente atentos.

— Isso nunca é um bom sinal...

— Não é. — Ele quase sorriu. — Devia ter uns oito anos. Desci até o lago escondido.

Pulei como se fosse natural. Como se alguém tivesse me ensinado.

Ela levou a mão à boca quando riu, rápida demais. O som escapou antes do controle.

— Bernadete... — murmurou ele, apontando com o olhar para Valentina. — Se ela acordar... será o seu turno.

— Eu sei, eu sei... — respondeu ela, agora sussurrando. — Continue.

Rudolph ajustou o braço com cuidado, sentindo Bramm se remexer um pouco antes de voltar ao sono. Só então prosseguiu.

— Afundei. Simples assim. Sem drama. Afundei porque não sabia o que estava fazendo.

— Ele fez um gesto pequeno com a mão. — Fiquei furioso. Mais pelo vexame do que pelo susto.





— Imagino você — murmurou ela —, convencido demais para ter medo.

Rudolph sorriu de lado.

— Era exatamente isso.

Ela olhou para Valentina, caída sobre a manta, e depois para Bramm, respirando contra o braço dele.

— E ainda assim, sobreviveu.

— Sobrevivi — confirmou. — Por pura sorte.

Bernadete não respondeu. Apenas apoiou a mão sobre a dele, ali onde o braço sustentava o filho.

Rudolph deixou a história morrer ali. Não precisava de conclusão.

A única coisa que era realmente necessária naqueles dias era aquilo: ele, Bernadete, as crianças e o lago. A paz e a tranquilidade que o lugar trazia aos filhos, que eram agitados por natureza e estavam sempre em movimento.

O visconde ergueu o olhar quando percebeu movimento do outro lado do campo. Reconheceu Satine antes mesmo de distinguir o vestido claro entre o verde vivo da grama — caminhava como sempre caminhara, decidida demais para alguém que dizia não ter pressa alguma. Annele vinha logo atrás, alguns passos mais contidos, segurando a sombrinha que mantinha a irmã dele protegida do sol.

Então ele se moveu com cuidado, ajeitando Bramm antes de se levantar. Só depois de garantir que o menino continuava dormindo é que se afastou da manta.


Satine sorriu ao vê-lo, um sorriso curto, prático. Não havia lágrimas nem solenidade no rosto dela. Ainda assim, quando Rudolph a envolveu num abraço, foi com mais força do que pretendia. Apertou-a contra o peito, como se o corpo pudesse compensar o que as palavras não alcançavam.

— Rudolph — disse ela, rindo, meio sem fôlego. — Eu só vou viajar. Não estou morrendo.

Ele não respondeu de imediato. Afrouxou o abraço apenas o suficiente para olhar o rosto dela.

— Não diga esse tipo de coisa.





— Você sempre exagera — replicou Satine, com doçura firme. — Londres não fica no fim do mundo.

Bernadete se aproximou, então, levantando-se da manta com cuidado para não acordar Valentina. Abraçou a cunhada com calma, demorando-se um pouco mais do que o protocolo pedia.

— Você vai ser feliz lá — disse, sem entusiasmo performático, como quem afirma algo em que já decidiu acreditar. — Eu sei disso.

Satine soltou uma risada curta.

— Tão feliz quanto uma velha solteira pode ser, imagino.

Rudolph franziu a testa de imediato.

— Você não está velha.

Ela inclinou a cabeça, avaliando-o com aquele olhar que sempre o desmontava.

— Estou, sim. — Deu de ombros. — Mas está tudo bem. Eu não me importo com muita coisa além de vocês, então a idade perde um pouco da importância.

Bernadete sorriu de lado, um sorriso que não contradizia nem consolava.

— Londres vai ser gentil com você — disse apenas.

Satine segurou as mãos dela por um instante, depois olhou para a manta estendida perto do lago, para as crianças dormindo sem saber de despedidas.

— Vocês construíram algo lindo aqui — comentou. — E fico feliz por fazer parte disso...


Rudolph acompanhou o olhar da irmã. Sentiu o peso familiar daquela constatação — não como cobrança, mas como reconhecimento. E, pela primeira vez, não teve vontade de se justificar.

— Eu a amo, Satine — disse.

Satine assentiu e levou a mão direita ao rosto do irmão. Era o suficiente.

Annele pigarreou discretamente, lembrando-os do tempo. Satine respirou fundo, como quem marca mentalmente um momento antes de guardá-lo no coração, e então deu um passo para trás.

— Eu escrevo — prometeu, já com o meio sorriso de quem certamente escreveria muito.





— Não suma — disse Rudolph.

— Não pretendo — respondeu ela. — Só quero... mudar de cenário.

Então ela se abaixou perto da manta antes de ir, o movimento feito com cuidado, como o menor barulho pudesse acordar aqueles pestinhas que ela tanto amava. Ajoelhou-se primeiro ao lado de Valentina, tocando de leve a bochecha morna da menina, que se mexeu apenas o suficiente para franzir o nariz. Depois inclinou-se sobre Bramm e deixou um beijo breve na testa ainda lisa demais para guardar lembranças.

Ficou ali um segundo a mais do que pretendia, observando.

Havia algo nos dois — no formato da boca, talvez, ou naquele modo tranquilo de dormir — que lhe parecia inegavelmente familiar. Mais Rudolph do que Bernadete. Mais Stonemere do que qualquer outro lugar. Pensou nisso com uma ponta de certeza... e logo riu de si mesma. Talvez fosse apenas o amor. O hábito antigo de enxergar o irmão até onde ele talvez nem estivesse.

Levantou-se devagar.

— Cuidem-se — disse, simples, como se falasse de um passeio curto e não de uma ausência que começaria a contar semanas.

Bernadete a abraçou de novo, firme, sem frases que precisassem ser respondidas. Rudolph fez o mesmo logo depois, menos contido, como sempre. Satine aceitou, riu baixo, e não disse mais nada.


Não era uma mulher de despedidas longas. Não quando não havia necessidade delas.


Ela voltaria. Com certeza, voltaria.

O caminho de volta até a casa pareceu mais curto do que a vinda. Annele a aguardava perto da porta, a expressão neutra de quem já aprendera que mudanças não se comentam antes de acontecer. A carruagem estava pronta, os cavalos inquietos, o cocheiro sorria.

Satine subiu sem hesitar. Quando a porta se fechou e o veículo começou a se mover, ela não olhou para trás. Preferiu pensar em Londres, em Lady Lennox, em ruas cheias demais para permitir nostalgia prolongada.

Ainda assim, por um instante breve e silencioso, levou a mão ao colo vazio — como se ali também tivesse deixado algo.





Depois endireitou os ombros. Mudanças, afinal, eram novidades. E ela gostava de novidades.

Ainda assim, por um instante breve e silencioso, Satine levou a mão ao colo vazio. Não como quem lamenta uma ausência recente, mas como quem reconhece algo que nunca chegou a existir. Anos demais haviam sido passados entre paredes de convento, horários impostos, silêncios ensinados como virtude. Depois, outros tantos ao lado do irmão, adiando a própria entrada no mundo, recusando apresentações, bailes, expectativas que nunca lhe pareceram suas — até que o tempo, discreto e implacável, decidira por ela.


Satine sabia. Não com amargura, mas com clareza. A ideia de uma família própria — filhos, uma casa que fosse inteiramente sua — pertencia agora ao território das possibilidades encerradas. Não era injustiça. Era apenas a vida seguindo adiante sem pedir permissão.

E, estranhamente, isso não a entristecia como um dia imaginara que aconteceria. Havia outras formas de pertencer.

Fechando os olhos, ela se viu, com nitidez suficiente para sorrir, sentada à mesa de Lady Lennox em tardes longas demais para serem produtivas, a xícara esquecida enquanto conversavam sobre tudo e sobre nada.

Viu-se caminhando entre as lavandas da marquesa, as mãos manchadas de terra, ajudando sem ser necessária, presente sem ser exigida.

Não era o futuro com o qual havia sonhado um dia. Ainda assim, era um futuro. E, pela primeira vez, ela se sentia pronta para habitá-lo.





Save the date

09/03/2026

E enquanto espera o livro do conde, aproveite para conhecer a série

“Amores de Richmond”...



kindle
unlimited

✓ UICLAP